

RENDA

Brasil é um dos 10 países mais desiguais

Diferença salarial entre o profissional que possui curso superior e aquele que não tem é enorme

Brasília — Uma análise publicada pelo economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Côrtes Neri, mostra que desde 1996 há redução do índice de Gini — indicador, que mede a concentração de renda (quanto mais perto de 1, maior a desigualdade). O indicador caiu de 0,6068, naquele ano, para 0,5448, em 2009. A baixa escolaridade da população brasileira mantém o país entre as dez nações mais desiguais do mundo. "Ainda estamos no top 10 da desigualdade mundial", afirmou o economista.

Apesar da queda, o índice brasileiro é superior ao de países

como os Estados Unidos (em torno de 0,400) e da Índia (0,300); e está próximo ao de nações mais pobres da América Latina e do Caribe e da África Subsaariana.

Segundo Marcelo Neri, para diminuir a desigualdade é preciso que a renda das classes mais baixas continue crescendo; que se mantenham programas sociais focados na população mais pobre; e, sobretudo, que o Estado amplie a oferta de educação de mais qualidade e as pessoas permaneçam na escola.

O sociólogo e cientista político Simon Schwartzman, presidente do Instituto de Estudos do Traba-

lho e Sociedade (Iets), assinala que "a educação no Brasil é muito ruim" e que há um "excesso de valorização" da escolaridade, o que explica a grande diferença salarial entre quem tem curso superior e quem não tem nenhuma formação. Para ele, o desempenho educacional não tem melhorado muito e, portanto, nos próximos dez anos o quadro de desigualdade permanecerá.

"Mazelas" — Para o gerente da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatís-

tica (IBGE), Cimar Azeredo, o Brasil tem "mazelas que não se desfazem de uma década para outra". Ele citou a diferença entre a renda de homens e mulheres, brancos e negros. "O passivo é muito grande. Somos há muito tempo um país desigual", observou.

O estatístico e economista Jorge Abrahão de Castro, diretor de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), confirma que o país ainda vive "as sequelas do passado" demonstradas, por exemplo, na última Pnad, que, além da desigualdade perene, indica que um em cada cinco bra-

sileiros com 15 anos ou mais tem menos de quatro anos de estudo.

De acordo com a Pnad, o percentual de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos na escola em 2009 era de 97,6%. Na avaliação dos especialistas, a permanência dessas crianças na escola resultará em melhoria de renda no futuro.

Para Marcelo Neri, da FGV, a chamada nova classe média brasileira, com mais de 95 milhões de pessoas, é formada por crianças e adolescentes que entraram e permaneceram na escola nos anos 90, quando houve universalização do acesso ao ensino. (AG)